

# PIB avança 4,6% em 2021 e país sai da recessão técnica

Crescimento foi puxado por setores de serviços e indústria com base comparativa deteriorada pela pandemia em 2020

**RAFAEL VIGNA**  
rafael.vigna@zerohora.com.br

Após dois trimestres no campo negativo, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil saiu da recessão técnica, cresceu 0,5% nos últimos três meses de 2021 ante igual período imediatamente anterior e fechou o ano passado em alta de 4,6%, depois do tobo de 4,1% em 2020. Segundo dados divulgados na sexta-feira pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a economia nacional atingiu, em valores correntes, a marca de R\$ 8,7 trilhões.

O desempenho do ano passado foi puxado pelas altas de 4,5% na indústria e 4,7% nos serviços. A agropecuária, devido à baixa produtividade de cana-de-açúcar, milho, café e pecuária, apresentou ligeira queda de 0,2%.

Os dados foram construídos sobre base de comparação deteriorada pelos efeitos da pandemia, em 2020, sobretudo nos segmentos industriais e de serviços, alertam especialistas. Por essa razão, o economista-chefe da CDL-Porto Alegre, Oscar Frank, explica que é preciso cautela nas avaliações.

Isso ocorre porque, mesmo com percentual expressivo, quando são analisados os últimos nove meses (do segundo ao quarto trimestre do ano passado), o avanço é de apenas 0,1%. Conforme Frank, o fato sinaliza que o país enfrenta

dificuldades para sustentar crescimento sólido posterior ao período mais crítico da covid-19.

Economista-chefe da Federação da Agricultura do RS, Antônio da Luz, lembra que “vínhamos de dois semestres consecutivos de queda e, agora, o Brasil saiu da zona de recessão o que é positivo”.

– Não significa que a economia esteja bombando. É, sim, um passo importante, mas não nos credencia a avaliações menos pessimistas para este ano.

Ao considerar janela mais abrangente, o PIB nacional está 2,8% abaixo do patamar verificado entre janeiro e março de 2014, o pico da série histórica. A constatação aponta, segundo Frank, para quase oito anos em estagnação.

## Empobrecimento

A economista-chefe da Fecomércio-RS, Patrícia Palermo, comenta que, na comparação entre o quarto trimestre de 2019, ano anterior à pandemia, e os últimos três meses de 2021, a alta é de somente 0,5%. Significa, diz ela, que em dois anos o avanço foi quase nulo, o que gera consequências para o PIB per capita (renda nacional dividida pelo número de habitantes), que, após cair 4,6% em 2020, agora, sobe apenas 3,9% e afeta em cheio o poder de compra das famílias.

– O ano passado existiu para pagarmos a conta da pandemia. Le-

vamos dois anos para avançar 0,5% sobre o último trimestre de 2019. O PIB demonstra que conseguimos pagá-la, mas, por outro lado, o PIB per capita confirma que, como sociedade, saímos muito mais pobres desse processo – avalia.

Conforme o economista-chefe da Federação das Indústrias (Fiergs), André Nunes de Nunes, em razão do contexto, as taxas elevadas na comparação anual já eram esperadas.

– No agregado, temos crescimento forte, mas a desaceleração preocupa. A indústria avança 4,5% no ano, recupera perdas de 3,4% em 2020, mas encerramos o período 12,3% abaixo do pico registrado em 2013, o que significa que o setor anda de lado há muito tempo e esse é um parâmetro relevante – diz.

O destaque positivo fica por conta da construção, que registrou alta de 9,7% no ano passado, acompanhada de 13,5% de incremento na taxa de ocupação. Trata-se de um desempenho associado a geração de novos postos de trabalho.

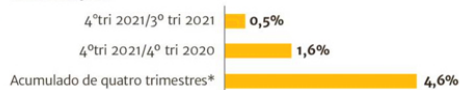
Outro aspecto é o investimento, que fechou o ano com alta de 17,2%. Conforme o economista, essa expansão se deve aos aportes na construção e na indústria de máquinas e equipamentos.

– É crucial para a percepção de longo prazo. Esse foi o maior patamar desde 2015 e é um indicador que baliza o crescimento para o futuro – pontua Nunes.

## Os números

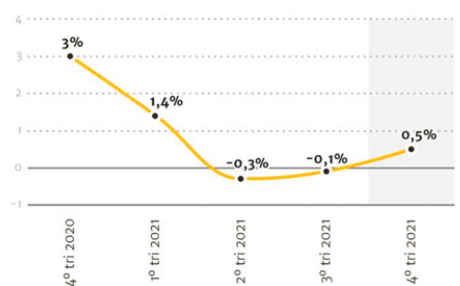
Dados do PIB brasileiro de 2021 mostram recuperação ante 2020

### COMPARAÇÕES



\*Comparado aos quatro trimestres anteriores

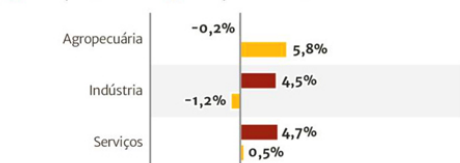
### VARIAÇÃO FRENTE AO TRIMESTRE IMEDIATAMENTE ANTERIOR



### POR SETORES NO PRIMEIRO TRIMESTRE

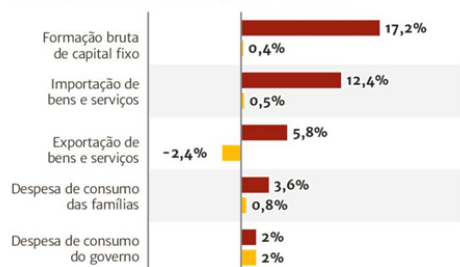
#### Pelo lado da oferta

● Em relação ao ano anterior ● Em relação ao trimestre anterior



#### Pelo lado da demanda

● Em relação ao ano anterior ● Em relação ao trimestre anterior



Obs.: os gráficos não guardam proporção entre si. Fonte: IBGE

## Para 2022, desafios e risco de estagnação

Economistas ligados a entidades do setor produtivo gaúcho traçaram os desafios para 2022 e, de acordo com as avaliações, não serão poucos. A principal constatação é que aspectos ligados a renda e a estagnação de setores, como a indústria, prejudicam a retomada. Somam-se a isso as pressões internas e externas associadas à inflação e ao crescimento mundial, já existentes no fechamento de 2021 e, agora, potencializadas pela guerra entre a Rússia e a Ucrânia.

Desorganização das cadeias produtivas e de fornecedores de insumos e matérias-primas importadas são alguns dos itens que pressionam os custos, colocam freio nas

atividades e comprometem as projeções futuras, exemplifica o economista-chefe da Federação das Indústrias do RS (Fiergs), André Nunes de Nunes.

– A expectativa de crescimento é mais baixa em razão da falta de estímulos fiscais e de uma política contracionista com previsão de novos aumentos de juros para segurar a inflação – resume.

Segundo o economista-chefe da Câmara de Dirigentes Lojistas de Porto Alegre, Oscar Frank, fatores como inflação alta, crise hídrica, expectativa de juros em escalada no Exterior e incertezas com as eleições nacionais juntam-se aos cenários e limitam as expectativas.

A economista-chefe da Federação do Comércio de Bens e de Serviços (Fecomércio-RS), Patrícia Palermo, percebe uma janela de crescimento para 2022.

O otimismo, diz ela, está centrado nos serviços, em razão da continuidade da normalização da vida cotidiana, provocada pelas melhorias sanitárias.

Em contrapartida, ressalva que dificuldades de acesso ao crédito e redução da renda das famílias podem jogar contra as estimativas. Da mesma forma, avalia que o agronegócio tem enfrentado reiterados problemas climáticos e já não pode arcar com o peso de “carregar o país nas próprias costas”.